

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
SISTEMA NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL - SENAI
CURSO DE TECNOLOGIA EM DESIGN DE MODA**

GABRIELE BERNARDO DA CONCEIÇÃO

**O CASO TUCUM E A IDENTIDADE CULTURAL INDÍGENA NAPÓS-
MODERNIDADE**

CRICIÚMA

2019

GABRIELE BERNARDO DA CONCEIÇÃO

**O CASO TUCUM E A IDENTIDADE CULTURAL INDÍGENA NA PÓS-
MODERNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Tecnólogo no Curso de Design de Moda da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC/SENAI.

Orientador(a): Prof. Me. Felipe Kanarek Brunel

CRICIÚMA

2019

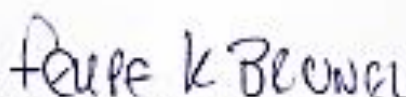
GABRIELE BERNARDO DA CONCEIÇÃO

**O CASO TUCUM E A IDENTIDADE CULTURAL INDÍGENA NA PÓS-
MODERNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel no curso de Tecnologia em Design de Moda da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC/SENAI, com Linha de Pesquisa em Cultura e Historicidade – Aspectos socioculturais para a moda.

Criciúma, 26 de junho de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Felipe Kanarek Brunel - Mestre - (SENAI/UNESC) - Orientador



Profa. Charlene Vicente Amancio Nunes - Mestre - (SENAI/UNESC)



Prof. Roger Arend - Especialista - (SENAI/UNESC)

Agradeço imensamente a Deus. A minha família e por todo o apoio recebido. Sou imensamente grata, por esse ciclo concluído.

AGRADECIMENTOS

Concluir o curso Superior tecnólogo em Design de moda é um grande passo e um dos meus sonhos concretizados, na qual não seria possível sem perseverança e dedicação.

Meu agradecimento vai a minha família, minha base, que com muito amor e empenho contribuíram não apenas financeiramente, mas emocionalmente, com palavras e atitudes que me deram forças para concluir todos meus projetos do curso.

Às amigas(os) que me deram apoio, sempre elevando meu entusiasmo, e quando precisei com prontidão me escutaram e ajudaram.

Ao meu orientador, que se dispôs a me orientar, contribuindo muito para meu conhecimento e para o trabalho, abrindo minha visão, sempre flexível e quando necessário argumentava e chamava minha atenção.

Aos componentes da banca, meus sinceros agradecimentos.

.

“A cultura é uma necessidade imprescindível de toda uma vida, é uma dimensão constitutiva da existência humana, como as mãos são um atributo do homem.”

Ortega y Gasset, José

RESUMO

A identidade cultural na pós-modernidade é uma junção de vários elementos fundamentais, na qual forma uma mistura na coexistência de várias culturas em um todo, processo que se caracteriza como hibridização, através da migração local/nacional, onde acontece o entrecruzamento cultural, pelas trocas de informações, que se torna identidades múltiplas, resultante da diáspora. O processo de hibridização está fortemente ligado aos povos brasileiros. Evidente através da colonização, onde muitos povos aqui aportaram. Com a crescente globalização o indivíduo está se transformando em um sujeito com a identidade fragmentada, enfraquecendo as antigas identidades das culturas nativas que, por muito tempo, sustentaram a sociedade e que davam aos indivíduos estabilidade no mundo social. Existem três concepções de identidade, que são diferenciadas em três conceitos, o sujeito iluminismo, totalmente individualistas e unificadas, a segunda concepção e o sujeito sociológico, que acreditava que a formação do “ser” autônoma, mas coletiva, com a interação de outras culturas. Por último, a terceira concepção é chamada pelo autor de Sujeito pós-moderno, mudando de sujeito unificado para um sujeito fragmentado. No entanto, mesmo com o avanço da globalização, ainda há resistência de algumas identidades, que por consequência da globalização foram dissolvidas pelo tempo. Após os anos de massacre e repulsa cultural, atualmente os povos indígenas brasileiros vivem com mais liberdade para que possam prosseguir em viver culturalmente suas tradições, resistem e lutam para sobreviver culturalmente. A marca Tucum é um projeto de designers em parceria com os povos indígenas brasileiros. Valoriza e promove o protagonismo das artes das tribos indígenas, contribuindo para a subsistência das tribos, a Tucum comercializa artefatos exclusivos, peculiares cheios de significados, produzidos pelas mãos das artistas das tribos, e oferece a possibilidade do acesso a essas culturas, mesmo não se hibridizando das mesmas. Como uma pesquisa básica, qualitativa e exploratória é analisar a Identidade cultural indígena na pós-modernidade nos produtos da Tucum, através da pesquisa bibliográfica documental. Desta maneira como objetivo geral do presente trabalho é analisar a Identidade cultural indígena na pós-modernidade nos produtos da Tucum. Para isso é analisado a marca Tucum como estudo de caso.

Palavras-chave: Identidade cultural. Pós-modernidade. Hibridismo. Indígenas Brasileiros. Tucum Brasil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Marca Tucum	36
Figura 2 - Site Tucum Brasil.....	37
Figura 3 - Colar de miçangas huni kuin	38
Figura 4 - Pulseira Rautihu Yawanawa	39
Figura 5 - Colar Volta do Xingu	40
Figura 6 - Gargantilha de miçanga Kayapó	42
Figura 7- Encontro TUCUM Anapuatã Mehinako	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS MODERNIDADE.....	15
2.1 A QUESTÃO DA IDENTIDADE E A PÓS-MODERNIDADE	16
2.2 A CULTURA NACIONAL COMO COMUNIDADE IMAGINADA.....	19
2.3 GLOBALIZAÇÃO: O GLOBAL, O LOCAL E O RETORNO DA ETNIA	21
2.4 O FUNDAMENTALISMO, A DIÁSPORA E O HIBRIDISMO	23
2.4.1 Hibridismo cultural.....	26
3 A QUESTÃO DO INDIO NO BRASIL	28
3.1 O QUE PENSAM OS BRASILEIROS SOB OS ÍNDIOS BRASILEIROS.....	30
3.2 A IDENTIDADE CULTURAL INDÍGENA NO BRASIL	32
3.3 RELAÇÃO ENTRE A IDENTIDADE E A CULTURA INDÍGENA.....	34
4 ANÁLISE TUCUM	36
4.1 TRABALHO TUCUM E A HIBRIDIZAÇÃO	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Apesar de não ter ainda seu devido valor na sociedade atual brasileira, a cultura indígena tem grande importância na formação cultural do país, embora tenha sido reprimida pela cultura europeia com a chegada dos colonizadores portugueses. Por outro lado, relatos escritos ou museus que mantêm viva a cultura indígena são escassos. Há pouco material sobre o conhecimento histórico, porém, sabe-se que a mesma deixou fortes traços que perduram até hoje na sociedade e não podem ser esquecidas.

Diversos setores se apropriam de características culturais para criação ou ornamentação de produtos, sendo que, um dos que mais se destacam é o de vestuário, que apresenta coleções de moda. Produtos da cultura indígena, de fato, são pouco visto como referência para a comercialização para outras culturas, devido a tudo que ocorreu na história dos povos indígenas que resultou na desvalorização de suas identidades culturais e o processo de hibridização com outras culturas aportaram ao Brasil. A marca Tucum trabalha para valorizar a cultura indígena brasileira através de suas artes e técnicas passadas de geração a geração por seus ancestrais.

Consequente ao avanço a globalização, as identidades culturais tornam-se homogêneas através da desintegração, em todas as esferas, priorizando a vida e os valores ocidentais. No entanto, há uma busca das identidades culturais nativas pela resistência através das manifestações culturais, retornando a etnia. A cultura brasileira na atualidade é a referência de outros povos, principalmente os europeus. Com a chegada dos colonizadores, a miscigenação foi inevitável e consequentemente, a imposição desta nova cultura e crença, resultando no enfraquecimento da cultura aqui existente, ou seja, a indígena. Apesar disso, existem relatos da riqueza cultural desses povos que podem ser observadas por meio de suas artes naturais, danças e crenças.

A cultura Brasileira é o resultado da miscigenação de diversos povos que aqui aportaram, podendo se inferir que a mesma é o espelho de outras culturas, principalmente a européia. Com a chegada dos colonizadores europeus no Brasil, houve imposição de crenças e costumes, fazendo com que cultura indígena fosse se dissolvendo por falta de espaço para a sua expressão, ou melhor colocando, inibidos de realizarem seus cultos, os mesmos foram obrigados a internalizar a cultura dos

colonizadores.

Os registros sobre a pré-colonização brasileira são muito limitados, porém, a riqueza cultural desses povos permanece, com pouco eco, no uso de materiais naturais, danças e formas de vida. Apesar de tentarem coibir a existência cultural indígena, existem grupos em manifestos de resistência que lutam para que a cultura sobreviva e não seja engolida por questões globais que ocupam e são incorporadas pelas pessoas devido a proliferação dos meios de comunicação em massa. Por outro lado, é importante que a cultura do país seja preservada pelas futuras gerações, sendo necessário que as manifestações ocorram com mais intensidade, a fim de que o conhecimento chegue até a população.

As características da indumentária das tribos indígenas brasileiras, na qual seu papel era funcional na comunidade, devido ao clima da região e suas crenças, além da estética com suas formas, cores, materiais são ricas como fonte de inspiração para a área da moda.

A Tucum, um grupo de designer sustentável, surge com a proposta promover a manifestação étnica e cultural das tribos indígenas brasileiras. Trabalham em conjunto, transparência e ética com os artistas das tribos indígenas, promovendo seus artefatos e sobrevivendo culturalmente.

Porém, não se trata apenas de arte indígena, mas sim, da autenticidade que cada povo tem em suas expressões, são peculiaridade na maneira como produzem seus ornamentos cujo sentido é diferenciado em cada produção. A cultura indígena, de beleza peculiar, cheia de intencionalidades, não pode ser subjugada a perder-se no tempo.

Por isso, refletindo sobre a importância de não deixar se evadir totalmente da vida moderna, essa pesquisa tem o seguinte problema de pesquisa: Como a identidade cultural indígena pós-moderna se manifesta em produtos criados por grupos indígenas da marca Tucum?

Como objetivo geral a pesquisa pretende: Analisar a Identidade cultural indígena na pós-modernidade nos produtos da Tucum.

Os objetivos específicos são: a) Compreender como se caracteriza a identidade cultural pós-modernidade; b) Identificar a identidade cultural indígena na pós-modernidade; c) Compreender como a identidade cultural indígena se manifesta em acessórios de moda.

O trabalho será desenvolvido a partir da pesquisa cuja natureza é básica que, para Gil (2002 *apud* TREVISOL, 2018, p.31), “objetiva gerar conhecimentos para novas aplicações, dirigidas à solução de problemas específicos. Envolvem verdades e interesses locais”. A pesquisa tem abordagem qualitativa, desempenha a percepção sobre o princípio da moda brasileira, buscando as raízes da cultura nos seus primórdios.

Para o alcance dos objetivos, a pesquisa é exploratória que, segundo Gil (2002 *apud* TREVISOL, 2018, p. 32-33), “Explora um problema, procurando, através de uma investigação aprofundada, esclarecê-lo”. Como procedimentos técnicos, a pesquisa é bibliográfica, através da imprensa escrita, publicações de livros e artigos, coletados da internet. Também é feito um estudo de caso, a marca Tucum, através de registros como o site, blog e redes sociais da marca, onde é coletado as informações.

Como resultado do presente trabalho, de pesquisa bibliográfica, é elaborado três capítulos. No primeiro capítulo, “Identidade cultural na pós modernidade”, a abordagem é fundamentada através dos pensamentos de autores relevantes para o estudo. Stuart Hall (2006) é considerado um dos filósofos mais importantes para o estudo da identidade cultural, globalização e hibridismo na qual participa de todos os capítulos, muito citado e com grande relevância para o trabalho em um todo.

Em seguida, o segundo capítulo, “A questão do índio no Brasil”, é trabalhado com Luciano (2006). Os povos indígenas brasileiros prosseguiram a viver culturalmente, resistindo e mantendo suas origens. É importante esse resgate e valorização da cultura nativa, que por muito tempo foi evadido, não apenas pelos próprios povos, mas pela sociedade brasileira.

E por último, “Análise tucum” como a marca Tucum, desenvolvida por um grupo de designer com a missão de resgatar as culturas dos povos indígenas, trabalhando com ética e em parceria com as tribos, promovendo e protagonizando as artes desses povos.

2IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS MODERNIDADE

Ao falar de identidade logo vem em mente uma perspectiva de autoafirmação, de “quem eu sou”, características marcantes que formam um indivíduo. No entanto, a identidade é aquilo que o diferencia dos demais, baseado em sua forma de pensar, na raça, no gênero, na sexualidade e na crença. Segundo Silva e Woodward (2000), a identidade é autossuficiente e autocontida.

O conceito de cultura, para Hall (2006, p.135) se refere as ideias que um determinado conjunto de indivíduos partilham. A cultura é, então, “[...] a soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem as suas experiências comuns”. Refletindo, assim, nas práticas sociais e desenvolvendo comportamentos em conjunto como uma língua, crenças, rituais, formando assim uma identidade cultural. No entanto, o autor chama a atenção para o fato de que:

A concepção da cultura é, em si mesma, socializada e democratizada. Não consiste mais na soma de o “melhor que foi pensado e dito” considerado como os ápices de uma civilização plenamente realizada – aquele ideal de perfeição para o qual, num sentido antigo, todos aspiravam. (HALL, 2006, p. 135).

Em visão geral, culturas são hábitos de determinados grupos sociais ou até mesmo de indivíduos que fazem parte desses grupos sociais. De acordo com o texto supracitado, existe uma ideia de que antigamente existia uma superioridade cultural. Eles compreendiam haver uma alta cultura e uma baixa cultura quanto ao nível de desenvolvimento que elas apresentavam.

Hoje, as culturas acabam sendo uma junção de vários elementos básicos, que formam uma mistura da coexistência de várias culturas em um mesmo território. A frase que sintetiza isso, segundo Hall (2006 p. 135), “‘cultura’, nesse sentido especial, ‘é ordinária’”. ‘Ordinário’ é algo comum, simples, corriqueiro, que conjectura a ideia de acessibilidade à cultura. No tempo de hoje valoriza-se tudo aquilo que é produzido e que pode ser chamado de cultura.

Nos últimos anos, a questão da identidade cultural está sendo colocada como uma pauta crítica, mesmo tratada com pouca ênfase. Há relatos dos primeiros estudos culturais surgiram na década de 1950, de acordo com Stuart Hall (2006), como um tema distinto.

Segundo Stuart Hall (2006 p. 9):

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

Com a crescente globalização, o indivíduo está se transformando em um sujeito com identidade fragmentada, enfraquecendo as antigas identidades das culturas nativas que, por muito tempo, sustentaram a sociedade e que davam aos indivíduos estabilidade no mundo social.

2.1 A QUESTÃO DA IDENTIDADE E A PÓS-MODERNIDADE

Stuart Hall (2006) é muito provavelmente o filósofo mais importante nos estudos sobre identidade cultural, é a ele que essa pesquisa remete quando aborda a questão da identidade cultural. Ao explorar as questões da identidade cultural, o autor avalia se a “crise de identidade” é existente apontando a fundamentação e as influências que baseiam a direção desses acontecimentos, o que está ganhando forma.

Para o autor, há três concepções de identidade, na qual se distingue em três conceitos. O primeiro deles é o Sujeito do Iluminismo, totalmente individualista, centrado, unificado, descrito unicamente como masculino, atribuído de ações racionais, onde todo ser que nascia era igual: “O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa” (HALL, 2006, p. 11).

A segunda é a concepção de Sujeito Sociológico que considerava que a formação do “ser” não era autônoma e nem autossuficiente, mas que dependia da interação e apoio de outras personalidades, de pessoas próximas com relevância em sua formação, a fim de interferir com valores, símbolos e sentido no território onde ele habitava. Não deixando de existir seu eu interior, ou melhor, sua essência, mas se adaptando e modificando continuamente com as identidades culturais externas que o mundo apresenta. “A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” - entre o mundo pessoal e o mundo público.”. (HALL, 2006, p 11).

Ao projetar a identidade pessoal do “nosso interior” à outras identidades culturais e, ao mesmo tempo, introjetar os significados e seus valores, ele torna parte também do “nosso interior”. Essa interação contribui para o ser viver e cumprir seu papel social no mundo, alinhando sua consciência e sua subjetividade, gerando um equilíbrio quanto ao mundo e as culturas existentes e tornando as culturas e o sujeito unificado.

A questão de sujeito unificado está mudando e alterando para um sujeito fragmentado. A terceira concepção é chamada pelo autor de Sujeito Pós-moderno, que não é composto apenas de uma identidade fixa, crucial e permanente, mas provisório, inconstante e problemático. Hall (2006) aponta que não há possibilidade de o ser humano nascer e morrer com a mesma identidade. A identidade do sujeito é uma constante “metamorfose” permeada de descobertas e transformações diante das formas culturais que o cercam. O sujeito adota identidades diferentes, em inúmeros momentos e em diferentes direções. No entanto, o ser humano está em constante transformação em sua identificação.

Stuart Hall (2006, p. 13) argumenta que:

Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura é coerente uma fantasia. [...] somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente.

O autor afirma que o processo de mudança é consequente da “globalização” que é marca dos tempos atuais e caracteriza a sociedade atual como “modernidade tardia”. Tempo marcado pelas mudanças que interferem na identidade cultural, mudanças constantes, aceleradas e permanentes, com distinção das identidades culturais tradicionais que conservam e veneram os símbolos e realizações do passado, buscando recorrer às mesmas práticas sociais de outrora.

A modernidade tardia na sua totalidade não é apenas uma prática de convivência com a mudança apressada e contínua, mas faz refletir na vida das pessoas, Giddens (apud HALL, 2006, p.15) cita que, como tudo é mutável, “As práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas a luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter”. A estrutura da sociedade pós-moderna é deslocada,

não possui um único centro, com uma exclusiva organização que caminha para uma única causa e lei. A sociedade moderna é definida por sua multiplicidade e diferença.

A pós modernidade é um conceito que muitos autores trabalham de forma diferente que percebem a modernidade com visões distintas. De acordo com Hall (2006, p.17), “a sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade”, mas em geral os autores não concordam que o tempo moderno atual acaba sendo marcado por mudanças constantes, “Ela está constantemente sendo ‘descentrada’ ou deslocada por forças fora de si mesma” (HALL, 2006, p 17). Existem alguns termos usados por pesquisadores, sociólogos e filósofos que sintetizam a leitura da atual sociedade. Esses termos variam, a “modernidade líquida”, a “modernidade tardia”, a “segunda modernidade”, a “pós-modernidade”, entre outros, mas, em comum, essas nomenclaturas tentam apresentar o que está acontecendo com a modernidade atual.

Não existe uma definição única sobre o tempo que começou a modernidade em si, são vários os pensamentos, mas em geral há uma concordância entre os estudiosos que a modernidade se consolidou por meio da industrialização, por meio de uma política de liberdade e igualdade. Só que esses valores perpetuaram-se como verdades em busca de um mundo “ideal e perfeito”. No entanto, esse mundo “ideal e perfeito” não aconteceu e hoje em dia existe um ambiente de muita crítica quanto essa busca pela perfeição. Ou seja, essas narrativas criadas ao longo do tempo de que a modernidade se caracteriza por uma busca de uma humanidade melhor por meio da ciência, técnica, indústria, da sociedade de mercado, etc., na verdade apresenta muitas contradições e problemas. (HALL, 2006). A pós-modernidade vem questionar essa modernidade atual e é justamente isso que o autor está tratando.

Há uma ruptura e muitas faces nessa modernidade atual. Hoje, a pós-modernidade critica e questiona a modernidade daquele tipo criado, no entanto, ela não é uma modernidade traçada em apenas um único rumo, ela possui várias verdades e vários caminhos. Hall (2006, p.16) apresenta isso como uma estrutura deslocada “cujo o centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por ‘uma pluralidade de centros de poder’”, no caso o centro deslocado é devido ao processo da globalização.

A visão da identidade moderna é a mais complexa e temporária em comparação as identidades que a antecede, do sujeito do iluminismo e o sujeito sociológico, que eram constantes e inalteráveis, contudo a identidade atual apresenta formas e junções de novas identidades novas, não é unificada em um todo, como alguns sociólogos pensavam. (HALL, 2006, p. 17).

2.2 A CULTURA NACIONAL COMO COMUNIDADE IMAGINADA

Tendo em vista os conceitos teóricos e características que Stuart Hall (2006) apresenta sobre os sujeitos da modernidade tardia e da pós-modernidade, percebe-se o sujeito fragmentado que está sendo afetado pelo processo da globalização, problematizando sua identidade cultural particular.

Ao nascer em uma determinada nação, o sujeito se reconhece por uma das principais marcas de identidades culturais que remetem ao lugar, se auto definindo de uma maneira conjecturada. “Essas identidades não estão literalmente impressas em nosso gene” (HALL, 2006, p. 47), mas essas culturas são imaginadas como parte de sua essência e existência.

A identidade nacional não é implantada no interior da sociedade através de representações das transformações, não é uma identidade raiz, que nasce com o indivíduo. Hall (2006) diz que só há o conhecimento do que é uma determinada cultura através das representações dela com a agregação de seus significados, tradições e valores. O autor menciona que nós “[...] só sabemos o que significa ser ‘inglês’ devido ao modo como a ‘inglesidade’ (*Englishness*) veio a ser representada”. (HALL, 2006, p. 49).

A nação não se resume apenas em uma política de organização, mas uma representação cultural que envolve sentidos dentro do sistema. Os cidadãos não são apenas integrantes de uma sociedade na qual cumprem seus direitos e deveres perante as leis de um determinado território, mas, em conjunto compartilham dos mesmos ideais e visões que formam a cultura representativa da nação em que se socializa.

Hall afirma que (2006, p. 47):

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais.

A cultura nacional se tornou uma engrenagem para a modernidade, contribuindo assim em indústrias e tecnologias, criando um sistema homogêneo na educação nacional. A formação da cultura em uma nação não é constituída apenas pelas instituições culturais, compostas nos museus e livros, mas são os símbolos e as representações que dão sustentação à cultura.

Conforme o autor supracitado, a cultura nacional é uma descrição imaginada na qual se tem acesso diante das histórias e discursos das memórias criadas sobre o passado que reflete no presente, produzindo sentido sobre a nação e identificação pessoal. O autor afirma que “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006, p. 51).

O autor dá sentido as representações que definem uma nação como “comunidade imaginada” por meio de algumas características principais, na qual dão sentido a pergunta: “Como é contada a narrativa da cultura nacional?” (HALL, 2006, p. 51).

Existem várias perspectivas de narrações contadas sobre as nações, que se materializam através da literatura nacional, das imagens, dos eventos históricos, das mídias, dos símbolos e das representações, que, por fim, permitem ao indivíduo a identificação com a história nacional. As narrativas dão ênfase à continuidade original da identidade nacional, como uma tradição atemporal que é imutável ao passar do tempo, narrando a identidade nacional como única e primordial. “Está lá desde o nascimento, unificado e contínuo, ‘imutável’ ao longo de todas as mudanças, eterno.” (HALL, 2006, p. 53).

Em contrapartida, a estratégia discursiva se dá através de rituais solenes e formais, na qual traz a memória uma vinculação histórica, tidos como profundos, de valores nacionais e comportamentos do passado, como desfiles militares. Outra narração é o mito funcional, uma construção de discursos estratégicos na qual

dá legitimidade à presunção dos atos praticados no passado através de contranarrativas da idéia de nação. Por fim, a formação de uma nação se dá sobre a “idealização” de um povo, mas, durante o processo, dificilmente esses povos primitivos que persiste nesse ideal exercem o poder (HALL, 2006).

Segundo o autor, os discursos sobre a nacionalidade não é uma pauta tão moderna, ela forma identidades que são sustentadas por histórias equivocadas e duvidosas, entre o passado e o presente, de origens religiosas, místicas, ortodoxas e de pureza racial. “Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade” (HALL, 2006, p.56).

2.3 GLOBALIZAÇÃO: O GLOBAL, O LOCAL E O RETORNO DA ETNIA

A globalização não é um acontecimento recente. Giddens (apud HALL, 2006, p. 68) diz que “a modernidade é inerentemente globalizante”, uma está interligada à outra.

Segundo Gioielli (2004), a globalização é uma união complexa de poder e processos de mudanças em uma grande escala, deslocando as identidades culturais nacionais. O autor ressalta que, diante das transformações do mundo moderno, é insustentável somente preencher a sociedade com a cultura do Estado/Nação. Sendo assim, surge a globalização e o consumismo preenchendo o eixo da sociedade, gerando uma integração e a troca de culturas, costumes e produtos típicos de uma localidade com outras, atravessando fronteiras. Por meio desse movimento o mundo torna-se interconectado, ou seja, globalizado.

Com a consolidação do mundo global os discursos dos quais eram construídas as identidades culturais nacionais estão sendo desmistificadas e o propósito do discurso construído é insatisfatório. A globalização, além de desmistificar os discursos que sustentaram as identidades culturais e colocar em contradição a limitação cultural que o Estado construiu, ampliou as fronteiras e as trocas simbólicas das quais as identidades se sustentam. Com isso, a identidade nacional, que era supremacia sobre as outras, entrou em uma crise de definição e significado que desnuda as visões dessa questão. É irrelevante, no mundo global, discriminar um sujeito por sua nacionalidade. (GIOIELLI, 2004)

Conforme Hall (2006), há a permanência de alguns aspectos que a globalização trouxe como consequência para as identidades culturais em longo

prazo. Com o passar do tempo, a modernidade vai desintegrando a identidade homogênea de cada nação, devido a mistura de culturas, desde ao menor povoado até as grandes metrópoles.

No entanto, mesmo com o avanço da globalização, ainda há resistência de algumas identidades seja no âmbito nacional, local ou particular. Ainda assim, nota-se, com muita clareza, o declínio das identidades nacionais, em todas suas particularidades. Outras identidades estão surgindo, identidades heterogêneas estão no ápice da globalização, formando pontes culturais em toda sua totalidade entre as nações.

Em contrapartida a globalização, o impacto “global” gerou um interesse pelo “local”, produzindo novas identificações sobre o que identifica culturalmente um local. Nesse caso, a definição de “local”, segundo Hall (2006), se refere as manifestações culturais de um grupo em um determinado lugar, em contraposição a homogeneização em uma única cultura global,

O autor ressalta que:

A globalização (na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de "nichos" de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como "substituindo" o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre "o global" e o "local". Este "local" não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem definidas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, 'novas' identificações "globais" e novas identificações "locais". (HALL, 2006, p 77)

A globalização produz modificações significativas em aspectos distintos de uma sociedade. Perscrutando, inclusive, os seus traços identitários. Emergindo então, "novas" identidades, submissas as diretrizes do mercado global-local-global. Causando uma espécie "nova" nacionalidade sujeita às relações mercantis, gerando um homem-global-local.

No entanto, o processo deglobalização é desigual e tem sua própria articulação de poder, fazendo com que o “global” alcance todas as esferas da sociedade de uma maneira incompatível entre as regiões periféricas e grandes metrópoles. Hall (2006, p. 78) afirma que “Isso é o que a Dorcen Massey chama de ‘geometria do poder’ da globalização”, que é a homogeneização global das identidades.

A globalização é um processo de ocidentalização, ou seja, que prioriza e valoriza a forma de vida ocidental, através da mercantilização de produtos exportados e valores ocidentais.

Uma vez que a direção do fluxo é desequilibrada, e que continuam a existir relações desiguais de poder cultural entre "o Ocidente" e "o Resto", pode parecer que a globalização — embora seja, por definição, algo que afeta o globo inteiro — seja essencialmente um fenômeno ocidental. (HALL, 2006, p.78).

Novas possibilidades de identidades são evidências da globalização, tornando as identidades mais plurais e menos fixas. Mas em contrapartida há uma busca das identidades culturais nativas, que foram abafadas pelo nacionalismo. Há um grande interesse em preservar os vínculos sem regressar ao passado, convivendo com as novas culturas em que vivem, carregando os traços e tradições das culturas ascendentes que o marcaram, retornando a etnia. No entanto, essas culturas não irrevogáveis nunca serão unificadas como eram no passado, pois construíram novas conexões com outras culturas. Hall (2006, p.86) afirma que “pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias ‘casas’ (e não a uma ‘casa’ particular)”.

Essas culturas que são enraizadas, ou tradicionais, estão sujeitas as causas anteriores, submissas as suas tradições carregadas em si mesmas, mas, ao mesmo tempo atendem as novas “propostas” identitárias em consonância e com princípios mercantis burgueses, ou seja, com princípios do capitalismo. No geral, entende-se que o sujeito está em um “lugar”, não perdendo sua identidade, mas ao mesmo tempo, surgem as relações novas, essas relações existem justamente por esse mundo novo, o mercantil globalizado, desse tempo específico em que é inserido. Ao mesmo tempo, carrega-se traços identitários preservados, sujeitando a novos traços.

2.4 O FUNDAMENTALISMO, A DIÁSPORA E O HIBRIDISMO

Segundo Stuart Hall (2006), há três consequências sobre a identidade cultural diante da globalização: (1ª) as culturas tradicionais e fixas estão se dissolvendo com o tempo, impulsionada pela homogeneização cultural. (2ª) mesmo

com o avanço da globalização surge a resistência de algumas identidades,(3ª) apesar disso percebe-se a declinação dessas identidades culturais nacionais e surgem identidades híbridas, que são uma multiplicidade identitárias ocasionadas através da migração e pelas trocas de informações culturais.

Quando se trata de identidades culturais pós-modernas, logo vem em mente que elas se tratam, unicamente, de culturas híbridas. O hibridismo se caracteriza pela fusão entre diferentes tradições culturais, sendo assim é capaz de produzir outras fontes culturais, adaptadas durante a modernidade tardia, diferente das identidades culturais do passado consideradas “puras”. As identidades híbridas reconciliam o velho com o novo.

No entanto, em contrapartida o que se vê é um forte movimento de cunho conservador que busca pelo fundamentalismo das origens das tradições. Esse movimento surge em frente ao hibridismo e a diversidade, a fim de restaurar os conceitos do antigo em contrapartida a um fechamento para o novo. O ressurgimento do nacionalismo da Europa, e em diversos países no mundo inteiro, que age diretamente no campo econômico, político e da cultura, buscando a unificação cultural, alimentado pela ideia de uma única raça “pura”, é um exemplo de fundamentalismo apontado por Hall (2006). Outro fenômeno do fundamentalismo é o nacionalismo particularista, onde um povo de um determinado local procura a conservação e autonomia da sua identidade, um absolutismo étnico e religioso.

É característica do fundamentalismo governantes fomentarem ideais como artifício de manipulação em massa com objetivos políticos e expansionista. Um exemplo disso é o que ocorreu após a primeira guerra mundial com os países que saíram como derrotados. Nestes países, surgiram ideais fundamentalistas, mais especificamente sentimentos nostálgicos e desejo de reconstruir quem eram antes da guerra. Neste aspecto, no contexto na qual estavam inseridos, alguns governantes fomentaram esses ideais para ganhar força populacional para alia-los em planos políticos e expansionista, como o exemplo da Alemanha com Hitler durante a Segunda Guerra Mundial.

Outra característica fundamentalista está ligada à religião. Hall menciona (2006 p. 95) que “o fundamentalismo é mais forte nos estados islâmicos mais pobres da região”. A fé islâmica é um artifício usado como um meio para unir aquele povo em prol de fins políticos, econômicos e culturais.

Para essa pesquisa, no entanto, interessam as identidades híbridas. Através da migração local/nacional, surgem as identidades híbridas que acontecem diante do entrecruzamento cultural ou pelas trocas de informações culturais. Segundo Hall, (2006, p. 27), “no caso da diáspora, as identidades se tornam múltiplas”. Hall (2006, p. 30) explica o conceito da diáspora como “Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar”. A sociedade ocidental é composta por muitos povos que aqui aportaram de uma forma aterradora, marcada por violência e ruptura. Em meio a essa perplexidade que atualmente se revela nas mais diversas esferas, do econômico ao político, do cultural ao ambiental, formas contraditórias de ideias convivem em um mesmo local. Por exemplo, do mesmo modo em que uns defendem os discursos culturalistas que supervalorizam traços identitários e limitam a forma em que a sociedade deve compreender e agir, outros com a visão para a economia defendem a ideia de um neoliberalismo capitalista global, implacável e homogêneo, diante da crise financeira. (HAESBAERT, 2012).

Há, no entanto, uma resistência e contradição diante do mundo de identidades “transculturais”, “mestiças” ou “híbridas”. De tal modo, aparecem “desvios” ou “escapes” dentro de uma organização social que em nome do controle da multiplicidade, preservam a ideia de “vida no limite”. De acordo com Young (HAESBAERT, 2012, p. 27):

Hoje, as identidades que se declaram móveis e múltiplas, podem ser indicação, não de desapropriação e fluidez social, mas antes de uma nova estabilidade, segurança de si e quietismo. A fixidez da identidade só é buscada em momentos de instabilidade e ruptura, de conflito e mudança. [...] a heterogeneidade, o intercâmbio cultural e a diversidade se tornaram agora a identidade autoconsciente da sociedade moderna.

O autor supracitado apresenta com clareza esta contradição, que mostra a construção identitária na sociedade atual, em um novo formato, baseada na mobilidade e na multiplicidade, que não seria propriamente representada na descontinuidade, na mudança e no conflito, mas em fases de “estabilidade, segurança de si e quietismo”, “estabilidade na fluidez e na multiplicidade”, são processos paradoxais sob a construção da identidade cultural.

2.4.1 Hibridismo cultural

Segundo Canclini (1997), a hibridação dentro da cultura pode se caracterizar por três abordagens importantes: (1ª) a dúvida em questão do valor da modernidade, na qual acontece a mistura do tradicional e moderno e a ruptura dos grupos dentro do sistema organizacional (nações, etnias e classes); (2ª) o conjunto das ciências sociais multitemporal, contextualizado através da história da arte, da literatura, museus de arte, folclore, bibliotecas, etc. Ter acesso a essas organizações é um meio de dispor dessas culturas; (3ª) Por último, o estudo mais complexo sobre o hibridismo mostra suas características, como a desterritorialização dos processos simbólicos, havendo assim, o aumento dos gêneros “impuros”, “miscigenados”, ou híbridos.

Como localização do indivíduo no mundo, o espaço e o território são características que constroem a existência do ser, tanto como no aspecto da sobrevivência enquanto “corpos” quanto no aspecto simbólico-social. Haesbaert (2012) relaciona o homem não unicamente como um “animal territorial”, mas a um “animal multiterritorial”, vivendo em vários territórios em um mesmo período de tempo. Esse aspecto não é necessariamente um complemento para a raça humana, mas um aspecto fundamental.

A amplificação urbana é um dos motivos que impulsiona e reforça a hibridação cultural. Segundo Costa Canclini (1997, p.2), “países que no começo do século tinham aproximadamente 10% de sua população nas cidades concentram agora 60 ou 70%”. A sociedade passou por um entrecruzamento cultural, do tradicional, local e homogêneo. Mas, em algumas localidades onde as culturas nativas estão enraizadas, a intercomunicação através de redes nacionais e transnacionais da dominância urbana é limitada.

Há diversas faces da multiterritorialidade, seja no sentido particular territorial ou geográfico, devido à visão materialista com foco no “poder” político-econômico, mas também como empoderamento de classes e grupos socioculturais. Não somente um olhar sobre o fator administrativo, mas sobre o simbólico. A territorialização no âmbito simbólico carrega significados culturais e contribui para o processo da hibridização e identificação social, “seja por nossa crescente mobilidade física, articulando mais de um território, como ocorre com os migrantes em diáspora, seja pela própria diversidade territorial” (CANCLINI, 1997, p. 35), construir culturas

híbridas é também construir fronteiras.

Em contrapartida Haesbaert(2012, p. 35,36) esclarece que:

A burguesia planetária, por exemplo, se desloca muito, mas quase sempre frequentando os mesmos lugares, ignorando a imensa diversidade cultural – e territorial – que se estende ao seu redor. Aqui e ali ela pode até cruzar com o “Outro”, mas é como se ele estivesse invisibilizado, não se estabelecendo nenhum diálogo – ou, quando, por obrigação, este se dá (como em serviços de hotéis/restaurantes (como em serviços de hotéis/restaurantes e no comércio).

A hibridização é vivenciada através da mobilidade, mediante ao deslocamento físico como uma experiência particular. Mas não é por habitar em diversos territórios híbridos que um sujeito vive a hibridização, se viver além de seu aspecto funcional. A habitação em regiões culturalmente múltiplas não necessariamente faz com que o cidadão usufrua uma multiterritorialidade cultural, há diferença em sua natureza funcional e real. Para o autor, “podemos ter ‘múltiplos [tipos de] territórios’ sem construir ali, efetivamente, uma multiterritorialidade.” (HAESBAERT, 2012, p.36), Isso implica em transitar em multiterritorialidade, sem que proporcione experiências de hibridização cultural. A unidade entre ambos só acontece quando a mudança de território provoca uma mudança de comportamento, por conseguinte uma mistura cultural.

Conforme o autor, assim como tudo que está na moda tem um preço alto, ou valor de troca, o hibridismo está na moda. “É ‘bom’ ser híbrido, ‘mestiço’, *créole*, porque isto ‘vende’ – e vende porque nos dizem que faz bem realizar misturas, circular por territorialidades diferentes, enfim, consumir o *world hybrid*” (HAESBAERT, 2012, p.41). Nesse sentido, o hibridismo é abordado de uma forma global, comercial e política. De fato, todo aquele que é “global” de certa forma é “híbrido”, mas não se pode globalizar o hibridismo, visto que o hibridismo “regional” não é o mesmo que o “nacional” e sequer o “continental”.

No continente latino americano, houve, com constância, processos de hibridismo cultural devido as idas e vindas de pessoas que aqui chegaram desde as eras remotas. Todo migrante é um sujeito híbrido, porque na terra há diferentes costumes, culturas, músicas, danças, gastronomia, seitas religiosas, entre outros, assim surge as misturas de culturas, entre grupos ou comunidades.

3 A QUESTÃO DO ÍNDIO NO BRASIL

A sociedade brasileira personifica o índio de uma maneira mutável em seu espaço. Em primeiro instante, relaciona-se o índio em uma parte da formação da constituição nacional como um marco importante no passado, enfatizando o índio apenas como nosso antepassado, onde herdamos a genética e cultura, e na contribuição para a adequação dos colonizadores que aportaram nessa nova terra. O índio não é apenas um contribuinte, mas o personagem principal na história do Brasil. (COHN, 2001).

Os nativos, ou indígenas, representam uma grande parte da população brasileira. Não são povos do passado, mas de hoje, que contribuíram na construção do Brasil com seus conhecimentos, valores, diversidade cultural e territórios.

Luciano (2006) afirma que a cultura indígena não é uma cultura homogênea. Cada tribo tem a sua cultura, rituais e costumes, com o intuito de atender interesses comuns. Hoje, o significado de índios no Brasil é decorrente de uma diversidade de povos antepassados que habitavam há muitos anos no continente americano, muito antes da invasão europeia. Por cerca de 1500, quando o continente americano, hoje conhecido como Brasil, foi descoberta e aportada por colonizadores, estimava-se que existiam cerca de cinco milhões de índios de diversas línguas e tribos. Hoje, por consequência da colonização, essa população reduziu para 700.000 índios. “A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) trabalham com dados ainda muito inferiores: pouco mais de 300.000 índios.” (LUCIANO, 2006, p. 27). A diferença entre a quantidade da população indígena dá-se a maneira diferente na forma de coletados dados. A FUNAI e FUNASA apresentam somente as informações das tribos em que eles prestam serviços, na qual são registradas as informações dos povos indígenas por todo território brasileiro.

Os dados da FUNASA são importantes no que se refere às informações sobre as populações indígenas que vivem nas terras indígenas. Segundo dados do Sistema de Informação de Atenção à Saúde Indígena/SIASI/FUNASA, o contingente populacional habitante das terras indígenas reconhecidas pelo governo brasileiro e cadastrado pelo Sistema é de 374.123 índios, distribuídos em 3.225 aldeias, pertencentes a 291 etnias e falantes de 180 línguas divididas por 35 grupos linguísticos (FUNASA, Relatório DESAI, 2002:3). Dos 374.123 indígenas atendidos pela FUNASA, 192.773 são homens e 181.350 são mulheres. (LUCIANO, 2006, p. 28).

A maior concentração da população indígena brasileira encontra-se no Norte do país, em torno de 49%, e a menor concentração coletiva das tribos na região Sudeste com somente 2%. Os indígenas estão espalhados por todo território brasileiro. (LUCIANO, 2006).

Por conta de imposições políticas, econômicas e religiosas, os indígenas vêm sendo, por séculos, despojados de suas terras, crenças, rituais e valores, perdendo sua força culturalmente de uma forma “obrigatória”. Eles acabam por optar em esconder negar suas raízes como um plano de sobrevivência, uma forma de tornar ameno a crise de discriminação pelo profundo preconceito dos indivíduos não índios. Os índios são julgados por suas particularidades por conta da visão da cultura predominante europeia que se estabeleceu no Brasil desde a chegada dos colonizadores. “Antes da década de 1970, chamar alguém de índio, fosse ele nativo ou não, era uma ofensa” (LUCIANO, 2006, p.31), por esse motivo a denominação índio ou indígena pelos povos nativos eram uma recusa. Essa negação era em vão, visto que não se esconde as origens, as aparências e as tradições.

Desde a última década do século anterior, os indígenas procuram sobreviver não apenas como indivíduos, mas sobreviver culturalmente. Esse fenômeno é chamado de “etnogênese” ou “reterritorialização”, reassumindo suas tradições:

A criação de organizações indígenas formais que representem os seus interesses perante a sociedade nacional e global e por meio das quais possam ser construídas alianças para resolverem suas demandas constitui um passo importante na redefinição do lugar dos povos indígenas no Brasil. (LUCIANO, 2006, p. 29).

Os ideais indígenas vêm se fortalecendo através dos anos, concretizando sua luta pela valorização político cultural de sua etnia. Atualmente, as ofertas de políticas públicas específicas estão tangíveis, o que torna crescente o orgulho étnico, o que reafirma a identidade indígena. Sobreviventes a história da colonização europeia, os povos indígenas brasileiros resistem e lutam em busca de estabelecer um espaço merecedor no país, na história e na vida multicultural. Por conta dos séculos de repressão dos colonizadores sob os povos indígenas, os sujeitos indígenas viveram muito tempo negando suas identidades, hoje eles reivindicam seus territórios e suas etnicidades através do processo de reafirmação mediante o plano estratégico pan-indígena que contribui para a reafirmação das identidades

étnicas e conquistas dos povos indígenas no Brasil. O que resulta na aceitação da denominação genérica índios ou indígenas e recuperando a autoestima dos povos indígenas apagada pelo tempo da colonização. O índio tem orgulho de ser nativo, de ter a liberdade de manifestar o modo de vida de sua civilização própria e carregar uma ancestralidade peculiar.

3.1 O QUE PENSAM OS BRASILEIROS SOB OS ÍNDIOS BRASILEIROS

Historicamente, aos índios são despendidas inúmeras representações bem como definições por parte dos não-índios e, em decorrência, até mesmo dos índios propriamente ditos, destacadas imensamente por prejulgamentos pautados sob ignorância e repúdio. A partir da vinda dos portugueses, entre outros provenientes da Europa, e sua acomodação neste lugar, a população oriunda tornou-se objeto de diversas concepções e apreciações a respeito de suas peculiaridades comportamentais e aptidões, assim como o universo biológico e espiritual que lhes são intrínsecos. Uma parcela religiosa europeia, por exemplo, questionava e afirmava a não existência de alma nos índios. Outros renegavam o pertencimento dos nativos aos seres humanos, visto que, segundo estes, os nativos assemelhavam-se a bichos primitivos. Isto são algumas das múltiplas maneiras, dentre as que os de pele branca estabelecem na definição integral da população indígena, evidenciado pela cosmovisão etnocêntrica preponderante ao povo europeu ocidental. (LUCIANO, 2006).

Resultante desta visão restrita e preconceituosa existente na relação entre índios e brancos no Brasil com início em 1500, gerou-se um conjunto de imprecisões e contradições existentes ainda na atualidade no ilusório cenário da nação brasileira e no representativo povo nativo. A maior parte da sociedade brasileira, interposto na perspectiva evolucionista presente na narrativa, bem como nas tradições, permanece classificando as povoações indígenas como uma geração em fase ínfima, cuja excepcional expectativa é a coerência e a incorporação à cultura universal. Os indígenas possuem intensa convicção que a posição se encontra em um patamar inferior, enfrentado duplo obstáculo em busca da consolidação de identidade e pelo êxito na obtenção de garantias no âmbito dos direitos e deveres dos cidadãos na esfera nacional e global. (LUCIANO, 2006)

Os contrassensos, bem como as prenoções, são estabelecidos no

preceito da estupidez e incompreensão acerca da classe dos índios, como também nas fundamentais razões e princípios que carecem de serem deixados para trás. A raça humana que se autodetermina como contemporânea e sociável, em hipótese alguma é capaz de admitir a carência do democratismo de raça, cultura e política. De que maneira se pode ser civilizado e instruído se desconhece ou, na pior hipótese, não se admite apreciar distintos costumes e entendimentos? No período de tempo em que isso não ocorre, persistimos em conviver junto as oposições acerca dos povos indígenas, as quais são capazes de sintetizar no presente em três diferentes concepções sociais.

A primeira concepção se tem como um olhar poético em relação aos índios, existente a partir da chegada dos primeiros europeus ao Brasil. Essa concepção constituiu ponto de vista que compreende o índio como atado ao meio ambiente, vigilante das florestas, tolo, possuidor de ínfima capacidade ou impossibilitado de decifrar o mundo branco com seus princípios e estimas. O indígena conviveria numa coletividade incompatível à comunidade nova que aqui aportaram. Essa interpretação instituída por críticos, romancistas e intelectuais a partir do advento de Pedro Álvares Cabral, em 1500, persiste até os dias atuais e tem baseado integralmente a conexão defensora e condescendente dentre os indígenas e a coletividade pátria, legitimadas pelos regimes indigenistas do derradeiro século, primeiramente, por intermédio do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e, ultimamente, pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). (LUCIANO, 2006)

Até neste momento, o nativo é tido como martirizado e inábil, necessitando de um defensor para ser amparado e apoiado, ou seja, na ausência de tutor ou representante, os índios não saberiam se proteger, se resguardar, progredir bem como perdurar. Deste ponto, nasce o conceito de pai e mãe, por exemplo, criado pela FUNAI e existente até o presente dentre diversas populações nativas brasileiras. (LUCIANO, 2006)

Segundo o autor (2006), a segunda se refere a expectativa amparada na perspectiva do nativo bárbaro, desumano, antropófago, desprovido de razão, indolente, embusteiro, entre outros numerosos e distintos atributos e designações diminutivas. Esta perspectiva nasceu a partir da vinda dos portugueses, por intermédio especialmente da constância comercial, que ansiava contemplar os indígenas serem integralmente aniquilados objetivando apoderar-se de suas propriedades para desígnios financeiros. Embora no presente essa concepção

semantenha amparada por conglomerados da economia, que se interessam pelas propriedades dos nativos bem como pelas riquezas ambientais nelas presentes. Os indígenas são classificados pelas corporações do mesmo modo que obstáculos ao progresso da economia da nação, pela compreensível circunstância de se recusarem a se sujeitarem ao abusivo sistema econômico que busca a posse e o lucro, denominado capitalista, como fazem parte de costumes sociais, preocupados com o bem comum e contrários a acumulação desmedida. Desta concepção acarreta diversos tipos de intolerância, bem como brutalidade desfavorável aos índios, especialmente em combate aos líderes atuantes na proteção de garantias mínimas. (LUCIANO, 2006)

Por fim, o terceiro aspecto tem-se pautado em um olhar manifestamente cidadão, que incidiu e obteve ampla magnitude nos últimos vinte anos, correspondendo ao recente período de redemocratização do Estado, tendo princípio no final da década de 1980, Luciano (2006, p.36) explana “[...] que é a visão mais civilizada do mundo moderno, não somente sobre os índios, mas sobre as minorias ou as majorias socialmente marginalizadas.”. Neste ponto, considera-se os indígenas como indivíduos possuidores de garantias, bem como de direitos e deveres de cidadão. Não se tratando de direitos comuns, excepcional e de forma generalizada, contudo se fundamenta em direitos intrínsecos, ocasionando uma cidadania distinta, ou usando um termo mais adequado e múltiplo. A partir deste momento, os índios auferiram a garantia de persistir em conservar seus estilos de vida particulares, seus costumes e princípios, assegurando da mesma forma a oportunidade em acessar às distintas civilizações e tecnologias, bem como as convicções a nível global.

3.2 A IDENTIDADE CULTURAL INDÍGENA NO BRASIL

O Brasil passou a obter uma consciência étnica sobre a cultura indígena, por conseguinte da valorização e do reconhecimento da cidadania indígena. Ser índio hoje, depois do período repressivo de massacre e escravidão, é motivo de orgulho identitário. Ser índio é apropriar o país de uma rica cultura, ser tratado como um cidadão com direitos perante a sociedade conquistando seu espaço social, cultural, econômico e político. (LUCIANO, 2006)

Após 500 anos de massacre e repulsa cultural, hoje, os povos indígenas vivem com mais liberdade para que possam prosseguir em viver culturalmente suas

tradições que tem sido resgatadas pelos nativos, restaurando assim seus projetos sociais étnicos identitários. (LUCIANO, 2006)

Diante dessa retomada, Luciano (2006, p.39) faz a seguinte pergunta “Isto é um retorno ao passado ou puro saudosismo? De modo algum.”. O autor reflete que isto é viver sua essência, valorizar a identidade de ser índio, “É ser o que se é”, um acontecimento que ocorre perante a todas sociedades, fenômeno chamando de etnogênese, quando um grupo étnico passa a ser distinto conseqüente ao período de repressão institucional e ressurgir reafirmando sua identidade por sobrevivência cultural. A nova geração indígena tem a necessidade mais apurada de se identificar culturalmente, em comparação aos anciãos, e de ter a segurança de seu espaço na sociedade em um mundo globalizado.

É interesse da nova geração indígena fazer parte da modernidade sem abdicar da sua origem. As gerações ancestrais indígenas apresentam uma maior resistência para reafirmar suas identidades pelo profundo marco da escravidão durante o período colonial, na qual foram induzidos a renunciar sua identidade. “Eles foram obrigados a acreditar que a única saída possível para o futuro de seus filhos era esquecer suas tradições e mergulhar no mundo não-indígena sem olhar para trás” (LUCIANO, 2006, p. 40). Apesar disso, muitos anciãos enfrentam essa carga gerada pela repulsa e discriminação dos colonizadores, combatendo seus traumas e vivendo o novo tempo, lutando por seus direitos e tendo orgulho de sua história reafirmando sua identidade.

Os grupos indígenas possuem uma diversidade étnica, tal qual como os povos europeus possuem nações com vários grupos étnicos (italiano, francês, alemão, holandês). O autor aduz que “Seria ofensa dizer que o alemão é igual ao português, da mesma maneira que é ofensa dizer que o povo Yanomami é igual ao Guarani” (LUCIANO, 2006, p. 41). É uma hostilidade referir uma cultura igual a outra por pertencer a mesma nação, assim como generalizar a cultura indígena brasileira.

Divergentemente do que é explanado na perspectiva dos europeus, estes que colonizaram o continente americano, os povos nativos apresentam um imenso desenvolvimento, com avanços nas civilizações milenares, desconstruindo a ideia de inferioridade na em relação aos colonizadores europeus. De acordo com o Luciano (2006, p.48), “As civilizações astecas, maias e incas em nada são inferiores às européias, exceto no domínio da arma de fogo.”. Ambos com sistemas políticos similares, com impérios, hierarquia e cidades-estados.

Reafirmar a identidade indígena e assegurar um espaço que sempre foi seu, mas que gradativamente foi apoderada pelos colonizadores europeus, é de extrema conquista diante da longa história de sofrimento, símbolo de revolução na história do Brasil, rica herança deixada para nação brasileira dos ancestrais dessa terra. Os povos nativos carregam a identidade primária histórica e enraizada da nação brasileira, precedente a colonização europeia.

3.3 RELAÇÃO ENTRE A IDENTIDADE E A CULTURA INDÍGENA

A cultura indígena enfrenta três questões que segundo Stuart Hall (2006) são consequências diante da globalização (1ª) as culturas convencionais já existentes encontram-se em dissolução tendo em vista o passar dos períodos, este fato deve-se ao que se pode denominar de uniformização cultural. (2ª) Apesar do progresso da globalização, ainda há a permanência de certos elementos identificadores culturais, (3ª) Não obstante observa-se a decadência das identidades culturais locais bem como revelam-se as identidades miscigenadas, caracterizando a abundante identificação entre identidades, tendo como causador a ocorrência de fluxos migratórios como também as trocas de referenciais no âmbito cultural.

A partir dessas três questões podemos observar que o fundamentalismo dentro da cultura indígena surge diante do sentimento de nostalgia, com a necessidade de fixar suas origens e tradições dentro da sociedade pós-modernizada, estabelecendo sua identidade em busca do alcance dos direitos de cidadão no âmbito nacional e global. Esse fundamentalismo não é necessariamente ruim, faz com que eles fortaleçam as características intrínsecas de sua cultura, que no entanto podem gerar situações conflituosas com outras.

Ainda assim por conta de todas as dificuldades que os índios sofreram, eles tiveram que abdicar de sua identidade, e passaram a viver a identidade de outros povos. Tornou-se praticamente homogênea, rejeitando sua identidade e vivendo outra cultura por aceitação. Esses aspectos levam a perceber a cultura indígena como parte de um processo de hibridização. Após a colonização dos povos europeus que aqui aportaram, impondo suas tradições e costumes sob os povos indígenas, o hibridismo se fez presente no cenário brasileiro. A europeização é predominante no Brasil, dessa forma foram os povos nativos que foram prejudicados

de tal modo que tiveram que se enquadrar a forma de vida europeia. Por motivos de sobrevivência, os povos indígenas se hibridizaram, moldaram e se inseriram as regras culturais distintas. Em toda cultura que há menor predominância política e econômica, submete-se a outra cultura predominante. A cultura indígena é híbrida, pois teve força inferior perante outros povos e assim houve a necessidade de moldar-se às diretrizes de diferentes culturas, sujeitando-se a um estilo de vida diverso daquele em que seus ancestrais estavam inseridos e vivenciavam. Esse processo, contudo, não foi um processo que aconteceu de forma completa, por esse motivo os índios lutaram por sua cultura. Características das culturas indígenas misturam com outras culturas e formaram as identidades híbridas.

Não acontece exatamente o mesmo com os brancos quando estes estão em contato com os povos indígenas. O fato de consumir produtos de diversas culturas, ou apropriando-se delas, não os tornam híbridos. Os brancos usufruem superficialmente da cultura indígena, deixando-as em um patamar desprezível, valorizando-a de maneira insignificativa de forma a não alterar os aspectos culturais que lhes são próprios. O eurocentrismo sempre esteve no topo como a cultura dominante, estando no centro da cultura do mundo.

Por fim, o conceito de diáspora faz pensar sobre a hibridização vivenciada através da mobilidade, por meio do deslocamento, não apenas físico, mas de uma maneira subjetiva em busca de aceitação social. Um povo se move ao adquirir características de outras tradições, no caso dos indígenas isso aconteceu de uma forma forçada. Em período algum houve a procura dos indígenas pelos povos europeus, contudo, no momento em que ocorreu a vinda dos europeus, os índios encontraram-se diante da necessidade imposta de se removerem e deslocarem de seus ambientes rotineiros, seus lares e grupos para habitar em cidades ou em seus próprios ambientes, mas modificados inteiramente, como as florestas.

Os povos nativos movimentaram-se e hibridizaram-se, mas seus traços, riqueza cultural e características são inegáveis. Para poder viver culturalmente e reafirmar sua identidade, que com o tempo foi rescindida, eles resistem através manifestos culturais intensificadas. Algumas tribos indígenas produzem artesanatos, com o intuito de conservação da comunidade.

4ANÁLISE TUCUM

É encontrado em todo território brasileiro uma palmeira chamada Tucum, da qual todos os povos tradicionais brasileiros têm acesso, utilizando as folhas, sementes e fibras. Disso se originou o nome da marca de um projeto carioca que alia designers com povos indígenas. “Essa palmeira é nossa inspiração, tecendo redes entre pessoas” (TUCUM, 2016). A Tucum é um grupo de designer solidários ativistas que trabalham com a sustentabilidade através da arte dos povos indígenas.

Criada por três sócios, o antropólogo e indigenista Fernando Niemeyer, 34, a empreendedora social e gestora Amanda Santana (esposa de Fernando), 34, e o geógrafo Thiago Vedova, 34, a Tucum fica no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro [...] (MARCOS, 2017).

Sua missão é a valorização através da promoção da autonomia e do protagonismo das artes dos povos nativos, os índios brasileiros, contribuindo para a subsistência das tribos. Eles trabalham em prol da luta dos direitos e territórios dos povos indígenas. (TUCUM, 2016). A figura 1 mostra a identidade visual da marca onde fica evidente a relação com a Arte Indígena e o Design Sustentável.

Figura 1–Marca Tucum



Fonte: Tucum Brasil ¹

¹ Disponível em: <<https://www.tucumbrasil.com/>> Acessado em 25 de maio de 2019.

Os produtos são confeccionados em parcerias dos artistas indígenas através de instituições cooperativas e produtores, trabalhando em prol da ética, do respeito ao modo de vida das tradições das tribos e da realidade local, construindo uma relação balanceada economicamente onde uma parte justa e considerável dos lucros é conduzida para os artistas das tribos indígenas. (TUCUM, 2016) O que estreita e fortalece a relação da Tucum com as tribos é a transparência em seus negócios. A Tucum é como se fosse o cliente inicial, em primeira concepção, primordial, das artes que serão revendidas, acrescentando um valor inerente para os custos da marca. Todos os produtores são pagos antes mesmo de seus produtos serem comercializados.

A Tucum é uma ponte que traz a ligação entre a população que habita nos centros urbanos à rica arte cultural dos povos indígenas, através da arte e do artesanato comercializados através de site, figura 2, *blog*, rede sociais e pela loja física situada no Rio de Janeiro. Todo o processo de criação e comercialização é feito com transparência e acesso as negociações, mostrando o quão atual e atemporal são as manifestações culturais estéticas desses povos, com o fundamento transmitido por seus ancestrais de geração a geração.

Figura 2- Site Tucum Brasil



Fonte: Site Tucum Brasil²

O site expõe com transparência a identidade da marca, sua visão seus valores e princípios. Os produtos são apresentados de tal forma a evidenciar

² Disponível em: <<https://www.tucumbrasil.com/>> Acessado em 25 de maio de 2019.

aparceria com as tribos indígenas. São comercializados acessórios para o corpo como brincos, pulseiras, colares, camisas, bolsas, etc., como também arte e artefatos como decoração interna e externa para casa, sempre evidenciando a identidade cultural das tribos.

A marca Tucum comercializa peças exclusivas produzidas pelas mãos dos artistas das tribos e oferece a possibilidade de estar diante de um acervo de arte indígena com diversas etnias, cada uma com sua peculiaridade, grafismos, cores, sementes e formas carregando a tradição de cada tribo. Para a análise foi trabalhado somente com informações do site da marca, de tal modo que os produtos escolhidos são aqueles divulgados no site. As imagens selecionadas foram escolhidas de forma aleatória, sem algum tipo de regra, de maneira que foram escolhidos os produtos compreendidos como mais relevantes para a discussão dentro da identidade cultural.

Entre as diversas artes expostas no site, o colar de miçangas HuniKuín é uma das artes, onde pode-se ter acesso.

Figura 3- Colar de miçangas hunikuin



Fonte: Site Tucum Brasil³

³Disponível em: <<https://www.tucumbrasil.com/produto/colar-de-micangas-huni-kuin-8610>> Acessado em 25 de maio de 2019.

O colar éfeito de miçangas de vidro e fios de algodão, nas cores azul, marrom, turquesa, vinho e preto. O colar é produzido pela artesã Maria do Socorro da tribo HuniKuín, localizados do Acre e no sul da Amazônia. Essa é, claramente, uma peça de grande valor cultural com técnicas passadas pelos ancestrais que perduram de geração em geração. O produto, no entanto, traz características de hibridização visto que carrega aspectos culturais com técnicas tradicionais, mas com o uso de novas matérias primas que vem sendo utilizada com o tempo, como a miçangas de vidro.

Outra característica da hibridização das artes das tribos é a utilização de pessoas brancas, não apenas como consumo, mas, como uma das maneiras de expor o produto, pessoas brancas usando tucum. (TUCUM, 2016). No entanto, não é o branco que usa quem se hibridiza e sim a própria arte cultural indígena que precisa se adaptar ao corpo branco e urbano. Em todos os trabalhos da Tucum veremos os aspectos de hibridização, como também na Pulseira RautihuYawanawa, abaixo.

Figura 4- Pulseira RautihuYawanawa



Fonte: Site Tucum⁴

⁴Disponível em: <<https://www.tucumbrasil.com/produto/pulseira-rautihu-yawanawa-9101> > Acessado em 25 de maio de 2019.

Pulseira RauthiYawanawá é uma arte rica em detalhes, cores e significados. A pulseira foi criada por um grupo de mulheres da tribo Yawanawá que carrega como missão o fortalecimento e a valorização da cultura. Com suas mãos hábeis, elas criam e entrelaçam as miçangas com formas gráficas que expressam a espiritualidade do povo Yawanawa, transmitindo a energia e proteção que recebem na natureza. “RAUTI é beleza! É estar protegido de energias ruins, É ser visto com bons olhos pelos bons espíritos da floresta, e ser presenteado pela boa energia, É estar de bem com a vida, Estar com RAUTI é estar feliz!” (TUCUM, 2016).

As tribos manifestam suas identidades através das joias e materiais artesanais, como uma forma de resistência cultural. As manifestações artísticas indígenas por meio de artefatos e grafismos como o caso da Tucum, surge como uma iniciativa positiva para o âmbito mais vasto de proteção dos patrimônios culturais das tribos indígenas. Isso condiz com a afirmação de Stuart Hall ao dizer que, na globalização, ainda há a permanência de certos elementos identificadores culturais que são reforçados por seus grupos.

Os colares Volta do Xingu desenvolvido pela artista Ynê Kuikuro.

Figura 5- Colar Volta do Xingu



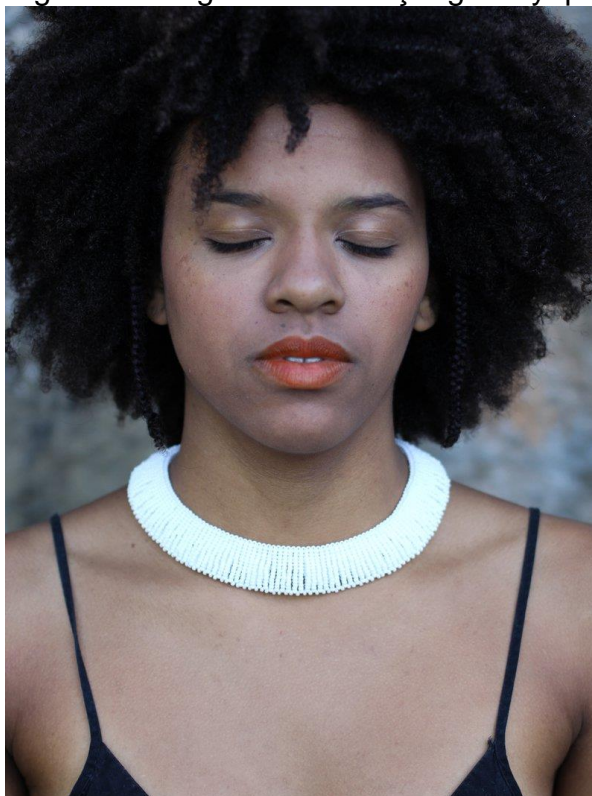
Fonte: Site Tucum⁵

O colar é um adorno utilizado nas festas tradicionais e em rituais dos povos que habitam no Parque Indígena do Xingu, MT. Com uma riqueza de significados, ele pode ser feito somente de miçangas entremeadas ou sementes perfuradas. Muito utilizados pelas mulheres das tribos, esses colares podem chegar a passar de 200 voltas de miçangas no fio de algodão. Os colares Volta do Xingu é apresentado pela Tucum com uma versão mais leve e curta, repleta de beleza e da força que os povos do alto Xingu carregam. Com cores de representatividade brasileira, o tradicional verde, amarelo, azul e branco, e com um forte trabalho de adaptação para o mercado branco e urbano, o colar Volta do Xingu é fortemente caracterizado pela hibridização. (TUCUM, 2016).

Em última análise, ve-se a gargantilha Kayapó, um ornamento produzido por artesões da etnia Kayapó, que pode ser vista na figura 6.

⁵Disponível em: <<https://www.tucumbrasil.com/produto/colar-curto-voltas-do-xingu-8368>> Acessado em 25 de maio de 2019.

Figura 6- Gargantilha de miçanga Kayapó



Fonte: Site Tucum⁶

A etnia Kayapó possui vários subgrupos: Gorotire, Kuben-Krân-Krên, Kôkramôrô, Kararaô, Mekrãgnoti, Metyktire e Xikrin.

As artes do grupo Kayapóé destacada pela utilização de materiais que vem sendo incorporados com o passar do tempo, como as miçangas de vidros, canudos e fio nylon, utilizando a mesma técnica tradicional. Kayapó se autodenomina “aqueles que se assemelham aos macacos”, a causa deve-se ao ritual praticado pelos grupos, uma dança curta vestidos com máscaras de macacos que durava por semanas. (TUCUM, 2016).

Diante das ameaças sociais que impedem os povos indígenas de sobreviver culturalmente e com poucos recursos financeiros para se manter economicamente, a Tucum vem fortalecendo e enaltecendo a riqueza das artes dos povos indígenas através de sua arte trazendo um rendimento as tribos e fortalecendo a tradição e o acesso da rica cultura indígena. O resultado é a preservação, transmissão e evoluçãodos saberes dos ancestrais, valorizando as elaborações e técnicas exclusivas de cada tribo, onde cada peça carrega uma

⁶Disponível em: <<https://www.tucumbrasil.com/produto/gargantilha-de-micanga-kayapo-9058> > Acessado em 25 de maio de 2019.

história e são verdadeiras joias brasileiras. Todo o processo envolve, de forma cuidadosa, designers que estão em um grande centro e indígenas que estão em suas próprias tribos. O trabalho conjunto pode ser visto na figura 7. Anapuatã Mehinako, que vive na aldeia Uyapiyuku, no Parque do Xingu, artesão da etnia Mehinako, visita a loja física da Tucum e estreita a relação com o grupo Tucum.

Figura 7- Encontro TUCUM | Anapuatã Mehinako



Fonte: Site Tucum⁷

A relação consolidada entre a Tucum e os povos indígenas, em uma situação política atual precária e de ameaça aos direitos indígenas é a motivação do grupo Tucum.

4.1 TRABALHO TUCUM E A HIBRIDIZAÇÃO

O processo de hibridização está fortemente ligado aos povos brasileiros. Evidente através da colonização, onde muitos povos aqui aportaram, juntamente com seus credos, tradições e culturas fazendo com que os povos nativos da terra colonizada sofressem o processo de hibridização, por meio do entrecruzamento cultural durante a migração local/nacional, surgem às identidades híbridas.

⁷ Disponível em: <<https://tucumbrasil.tumblr.com/post/161364522204/encontro-tucum-anapuat%C3%A3-mehinako>> Acessado em 25 de maio de 2019.

Hoje, conseguinte a colonização, os povos indígenas foram reduzidos com o tempo, o que os tornou mais fracos diante da sociedade capitalista, transmutando para povos totalmente hibridizados, forçados pela repreensão e pelos preconceitos dos não índios a mudarem seus comportamentos peculiares e suas tradições e a abdicar de viver suas raízes.

Segundo Stuart Hall (2003) três consequências são notáveis sobre a identidade cultural e tradicional como as indígenas na presente globalização. Em primeira questão, as culturas tradicionais e bem definidas estão perdendo sua força com o tempo através da homogeneização cultural, onde ocorre o cruzamento entre o tradicional e o novo, provocando a ruptura dos grupos, classes e etnias tradicionais, como os povos nativos brasileiros, os indígenas. Foi justamente o fato de não existirem produtos da cultura indígena como referência para a comercialização a outras culturas que fez com que a Tucum buscasse reduzir essa discrepância, devido a história da cultura indígena, evidenciando a riqueza das artes culturais das tribos.

Em segundo, juntamente com o aumento da globalização, manifesta-se a resistência de algumas identidades culturais. Fenômeno chamado de fundamentalismo, onde os povos indígenas lutam em sobreviver culturalmente, e restaurar conceitos e tradições de seus ancestrais, ao mesmo tempo em que vive perante a sociedade, sujeitando a novos traços para a sobrevivência (trabalho fora de seu âmbito natural, faculdade, etc.) eles carregam traços de sua identidade preservada e buscam fortalece-las através de manifestações, ainda que isso gere conflitos com outros povos. Como uma forma de reagir a isso, gradativamente as tribos indígenas estabelecem e atuam modos de produzir seus artefatos. A Tucum caminha com a ideia muito clara sobre a demarcação cultural indígena, tanto demarcar a cultura indígena entre eles como exteriorizar no território brasileiro como um todo. A partir da renda das artes vendidas, os grupos indígenas são fortalecidos, e fazem com que reaprendam suas antigas técnicas passadas pelos seus ancestrais, por conseguinte consigam sobreviver disso. O cuidado que a Tucum tem em respeitar os ritmos e técnicas tradicionais indígenas na qual são elaboradas as artes, a partir das lideranças locais, sem impor, faz com que tudo seja muito justo.

Por último, apesar das manifestações, surge o declínio dessas identidades culturais e suas simbologias, características do hibridismo, ocorrendo o aumento dos gêneros “miscigenados” e “impuros”. Surgem, então, as identidades

híbridas ocasionada através das trocas de informações culturais mediante a diáspora, a migração dos povos. Como as peças e artefatos que costumam utilizar carregam características e adaptação de outras culturas pelo fato do grupo Tucum e as tribos indígenas trabalharem juntas. O consumo, de certa forma, acontece com um olhar romantizado pelos brancos, sendo que os brancos não se hibridizam e acabam impondo a cultura europeia sobre a cultura indígena.

A Tucum é um projeto que propõe consolidar algumas das formas de manifestação cultural das tribos indígenas brasileiras através de suas artes culturais feitas pelos artesãos das próprias tribos, valorizando a especificidade de cada tribo e de cada indígena com a divulgação do nome de cada artista envolvido e de sua tribo de origem. Uma parte justa dos lucros é enviada com destino as tribos para sobreviverem economicamente através de suas manifestações culturais.

A Tucum possui uma série de fatores que revela o hibridismo, em primeiro aspecto o estético, pela utilização de novos materiais como as miçangas de vidro, canudos, fios de algodão, dentre outros, que são feitos pelas mesmas técnicas de seus ancestrais, unindo o tradicional com o novo. A hibridização aparece, também, nas transformações que são necessárias para tornar uma peça tradicional em algo que pode ser comercializado nas cidades. Outro motivo é o processo de voltar a essa cultura e empoderar as tribos a produzirem, transmitindo e criando o acesso cultural das tribos para as culturas dominantes, branca e europeia, que compõe o Brasil através de suas joias que carregam significados e energias de suas crenças, por meio de sites, blogs, rede social e loja física. Ter acesso a esses meios é uma maneira de se dispor dessas culturas, mesmo não se hibridizando delas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura é extremamente importante para o registro da existência da humanidade e a sua evolução. A identidade cultural é idealizada por um conjunto básico de características marcantes que diferencia os povos, baseado em sua forma de pensar, nas crenças e tradições. O Brasil é um país fortemente hibridizado, evidente através da colonização dos povos europeus, aportando as terras pertencentes aos povos nativos, os indígenas, fazendo com que sofressem o processo da colonização, os tornando híbridos por questão de sobrevivência. Por meio do entrecruzamento cultural durante a migração local/nacional, surgem às identidades híbridas.

A cultura indígena, foi hibridizada aos valores e a moda ocidental predominante, tornando-se menos compreendida por causa do longo período de desvalorização e exploração do índio. Desde a época das colonizações europeias até tempos hodiernos, houve uma grande movimentação e mistura dos povos e, consequentemente, de suas culturas, caracterizando os indígenas sujeitos híbridos.

Por outro lado, não se pode negar que existem grupos indígenas com manifestações de resistência, buscando forças para viver culturalmente e manter esta memória viva. Algumas tribos como os índios da tribo HuniKuín, localizados do Acre e no sul da Amazonas, Indígenas da tribo do Xingu, localizada no Mato Grosso e várias outras tribos que, com a parceria da Tucum, produzem artesanatos, na qual são verdadeiras relíquias comercializadas com o intuito para a subsistência da comunidade.

Entretanto, é preciso ir um pouco mais além e resgatar a cultura indígena na moda, ressaltando o vestuário, ornamentos que utilizam, tatuagens como forma de evidenciar a beleza do corpo, crenças e danças, incorporando-as a vida moderna, respeitando a cultura primitiva do Brasil pré-colonizado, pois devem caminhar juntas no processo criativo, a ética e estética.

Sendo assim, a presente pesquisa encontra seu ponto de relevância, quando busca evidenciar a cultura indígena dissolvida pelo tempo, utilizando seus traços e valorizando a apropriação da identidade das tribos indígenas dentro da moda, apresentada por meio de lançamentos de produtos, com designers que não se apropriam das culturas de tribos nativas, mas trabalham com parceria, ética e transparência, com a missão de valorizar e promover essas culturas.

A marca Tucum vem contribuindo para a demarcação da cultura indígena no território brasileiro, para que possam sobreviver culturalmente diante de uma sociedade globalizada, que valoriza o ocidental. A Tucum empodera e motiva as tribos a produzirem seus artefatos, relembrando as técnicas dos seus ancestrais, unindo o tradicional com o moderno, e criando o acesso cultural das tribos para as culturas ocidentais que predominam o Brasil.

Inspirado na forma de expressão da arte dos indígenas brasileiros, na perspectiva da valorização e preservação da memória dos primeiros habitantes desta terra, a marca Tucum busca demarcar a cultura indígena no território brasileiro como também evidenciar a cultura, externando a outras culturas, iniciada a partir da relação e a parceria dos designers com os artistas das tribos, contribuindo para maior conhecimento da cultura e, desse modo, mantendo a origem histórica cultural.

Compreender a luta dos povos indígenas brasileiros, como o processo da colonização, que por consequência os povos indígenas foram obrigatoriamente hibridizados, é necessário para mudar a visão cultural do Brasil, na qual a cultura europeia é predominante. Deve-se valorizar e respeitar as causas indígenas e seu espaço, pois o Brasil é seu por direito, na qual foi tomado de suas mãos violentamente.

Como designer, criar e desenvolver com ética e transparência é essencial, o mundo da moda está saturado de causas que não contribuem para consciência sociocultural, trabalhar por causas como essa, não se apropriando, mas contribuindo é evolutivo e recompensador.

REFERÊNCIAS

COHN, Clarice. **Culturas em transformação os índios e a civilização**. São Paulo em perspectiva. v.15, n.2, abr/jun, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200006>. Acesso em: 26 out. 2018.

GIOIELLI, Rafael Luis Pompeia. **Pistas para entender a identidade cultural no contexto da globalização**. 2004. 16 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Artes, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/1148803/Pistas_para_entender_a_identidade_cultural_no_contexto_da_globaliza%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 02 mar. 2019

HAESBAERT, Rogério. **Hibridismo cultural, “antropofagia” identitária e transterritorialidade**. Salvador: Edições L'harmattan,, 2012. 21 p. Scielo Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384-03.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&a Editora, 2006. 103 p. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro.

Índio in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/índio>> . Acesso em: 25 nov.2018

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília, 2006. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154565por.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa PezzaCintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

SILVA, Tomaz Tadeu; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 133 p.

TREVISOL, Márcia Elisa Madeira. **Apostila de metodologia científica**. Criciúma, 2018-2. (Material catalogado para a disciplina de TCCI do Curso de Design de Moda UNESC\SENAI)

TUCUM. **Arte Indígena: Design Sustentável**. 2016. Tucum Brasil. Disponível em: <<https://www.tucumbrasil.com/>>. Acesso em: 25 maio 2019.